

BRUXAS, SANTAS, LOUCAS, VELHAS, MENINAS, “BELAS, RECATADAS E DO LAR”: REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO FEMININO NOS DISCURSOS DE MÍDIA NA ATUAÇÃO

*“Witches, Saints, Crackpots, Hags, Girls, Beautiful, Coy and Housewifely:
Representations and womanly imaginary of media discourses on acting”*

Jussyanne Rodrigues Emidio*
Programa de Pós-Graduação em Teatro
Universidade do Estado de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo constitui-se na dramaturgia de uma perfopalestra elaborada por mim no ano de 2016 que pretendia estabelecer questões tangentes à criação da cena *Bruzas, Santas, Loucas, Velhas, Meninas*, “*Belas, Recatadas e do Lar*” (um dos campos de experimentação de minha pesquisa de doutoramento) sobre a história da Menina Benigna. Ela foi assassinada aos 13 anos em 1941, após uma tentativa de estupro, em Santana do Cariri (Ceará). Após o fato, foi acolhida pela religiosidade local como “Heroína da Castidade”. No decorrer do processo de criação da cena, surgem imagens que têm invadido o cotidiano com representações do feminino e de mulher na mídia nacional, através dos costumes e crenças que contaminam a política do Brasil. Na comunicação, três personagens – Dilma, Marcela e Benigna – são entrecruzadas com as imagens arquetípicas atribuídas a elas pelos discursos midiáticos. Busco apontar, de forma breve, as formas de coerção feminina que têm se enraizado nessa veiculação, a restrição dos espaços de circulação dessas personagens e alguns discursos de atuação que já exerceram restrições específicas de gênero sobre o corpo de atrizes, na elaboração de uma perfopalestra que transite entre a dança e o teatro.

Palavras Chaves: atuação; imagens arquetípicas; feminino; política; perfopalestra.

ABSTRACT: This paper is the dramaturgy of a lecture performance build in 2016 that intends to establish some tangent issues about the scene *Witches, Saints, Crackpots, Hags, Girls*, “*Beautiful, Coy and Housewifely*” (one of a experimentation field of my doctoral research). Benigna was killed at age of 13 in 1941 after a attempted rape in Santana do Cariri (a city in the state of Ceará, in Brazil). After the fact, she was acclaimed as “Heroine of Chastity” by the local religion. In the scene’s creation process, some images appeared as female representations, coming from the daily media discourses. They have pointed how some customs and beliefs have affected the Brazilian politics. In this paper, three characters – Dilma, Marcela and Benigna – are interwoven with the archetypal images assigned to them by the media discourse. I will point, briefly, forms of female coercion that have mixed to such propagation, the restriction of circulation spaces of these characters and some speeches of acting that have already exercised specific normative gender on the actresses’ bodies, building a scene between dance and theater.

Keywords: acting; archetypal images; womanly; politics; lecture performance.

Era uma menina, como muitas
 Era uma vagina para alguns.
 O jarro quebrou, na beira do rio
 E derramou, derramou...
 Bonequinha retalhada
 De vagina intacta
 É o que interessa¹.

Este trabalho pretende um traçado de algumas imagens do feminino vigentes na mídia nacional que transitam entre a santidade, a guerrilha, a bruxaria, a loucura, a velhice e a meninice. Tais imagens transpassam, nesse momento, o meu imaginário sobre as representações e representatividade do feminino sob diferentes aspectos e desembocaram numa cena coreográfica e numa perfopalestra, das quais trago alguns traços poéticos no decorrer desta escrita. Falo *meu imaginário* como vivência dos afetos que me tomam que, reconheço, possuem maior amplitude que a minha existência singular. De fato, trato de um imaginário menos individual que coletivo, como ficará mais claro adiante. Ressalto que, acima da política partidária que vem se desenvolvendo no Brasil nos últimos anos, tratarei aqui da veiculação das imagens femininas que sobressaem a esse partidarismo político e que, a meu ver, possuem implicações mais amplas.

A imagem a seguir (figura 1) mostra uma senhora que coloca, em si, uma faixa e recebe o auxílio da filha. Essas duas mulheres participavam de uma das cerimônias mais importantes do seu país como protagonistas. A cerimônia de posse

da presidência da República em 2015, quando tal fotografia foi feita, sacramentava a reeleição de Dilma Rousseff. Pouco antes, ela e sua filha, Paula, haviam sido aclamadas em carro aberto, no tradicional desfile de posse. Pela segunda vez na história do Brasil, não havia homens, nem à frente, nem ao lado: havia duas mulheres. “Sim, a mulher pode!”² foi a frase que abriu o seu primeiro discurso como presidenta eleita, pouco mais de quatro anos antes. A mulher pode.



FIGURA 1. Dilma e Paula Rousseff. Fonte: <<http://br.rfi.fr/geral/20150102-el-pais-diz-lista-de-convidados-na-posse-de-dilma-mostra-fraca-posicao-do-brasil-na-d>>. Acesso: 14/07/2016.

Veneração, peregrinação e adoração em volta de uma pequena estátua. A imagem a seguir (figura 2) mostra o dia em que a estátua em memória de Benigna foi entregue na cidade de Santana do Cariri, interior do Ceará. Benigna foi morta em 24 de outubro de 1941, aos 13 anos, por



FIGURA 2. Estátua de Benigna, em Santana do Cariri (CE). Fonte: <http://www.gazetadocariri.com/2015/10/prefeita-danieli-machado-faz-doacao-da.html>. Acesso: 14/07/2016.

um rapaz de 15 anos que quis estuprá-la quando ela ia buscar água num riacho. Na cidade de Santana do Cariri, desde essa data, ergueram-se altares e peregrinações em homenagem à “menina santa”, considerada Heroína... da castidade. Mesmo estando a 2017 anos depois de Cristo, a castidade, notadamente a feminina, ainda tem sido venerada como um valor. Que outras formas coercitivas as mulheres ainda têm enfrentado e que têm ficado explícitas nas personagens acima e nos espaços políticos que elas ocupam? Existiria relações entre a ex-presidenta e a “menina santa”?

Imagens em (des)construção

Em maio de 2008, em audiência da Comissão de Infraestrutura do Senado, uma Dilma

Rousseff antes de se imaginar candidata à presidência, de óculos, brincos e cabelos um pouco mais longos, virou notícia ao responder ao senador Agripino Maia (DEM-RN). À época, Dilma era Ministra-Chefe da Casa Civil. O senador havia questionado a legalidade de sua fala enquanto testemunha na Comissão pois, ao que constava em algumas entrevistas sobre o passado de guerrilheira da ministra, combatente da ditadura militar no Brasil, ela afirmava que havia mentido em inquéritos neste período.



FIGURA 3. Dilma responde a Agripino Maia. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=85FbQm1TCcl>. Acesso: 14/07/2016.

Dilma discursou inflamadamente em resposta ao deputado, apontando o grave equívoco de comparar os interrogatórios militares com a Comissão de Inquérito daquele momento, no período democrático. Ela alterou-se ao mencionar que mentiu dignamente, em situação da grave tortura física e psicológica que sofreu para salvar companheiros da morte, e que por isso não demonstrava nenhum arrependimento³.

Estas foram, para mim, as primeiras imagens de Dilma Rousseff. Marcante, pelo olhar incisivo, pela postura firme, pelo posicionamento sincero, pela emotividade física diante da menção de uma história cruel. Entretanto, desde essa época, a imagem de mulher forte, destemida e ativa – guerrilheira – começou a ser tratada por muitos como “descontrole emocional”. E foi esse o discurso que chegou aos dias de hoje em reportagens como a da *Revista IstoÉ*, intitulada *Uma presidente fora de si* (Pardella, Bergamasco, 2016, p. 1). A reportagem compara Dilma à quase lendária Dona Maria A Louca, mãe de Dom João VI. Não mais uma mulher guerreira, mas uma senhora nervosa que “se entope de calmantes” e que não tem mais condições de exercer o cargo que ocupa. Afirma inclusive que a presidenta tem “negado a realidade” e toma medicação para esquizofrenia que não tem surtido efeito. Insistindo no discurso capacitista que chega à misoginia, a reportagem diz:

[...] não precisa ser psicanalista para perceber que, nas últimas semanas, a presidente desmantelou-se emocionalmente. Um governante, ou mesmo um líder, é colocado à prova exatamente nas crises [...] Os surtos, os seguidos destemperos e a negação da realidade revelam uma presidente completamente fora do eixo e incapaz de gerir o País. (Pardella, Bergamasco, 2016, p. 1)

É válido dizer que a reportagem não apresenta nenhuma prova do discurso que profere e dos fatos que enuncia. Estaria essa mulher ocu-

pando um lugar que não seria seu? Onde essa mulher deveria estar?

Na situação política delicada (para não dizer alarmante) que nos encontramos, com o discurso proferido por parcela de uma mídia tendenciosa (para não dizer inescrupulosa), como atriz e reelaboradora de discursos em cena, relembro aquele, outrora corrente na área teatral, do qual muitas vezes em minha prática eu fiz coro: o bom ator e a boa atriz têm que saber controlar perfeitamente as suas emoções. O filósofo Denis Diderot, no século XVIII, analisa os descaminhos que a sensibilidade poderia causar ao trabalho do ator, admitindo que “é a falta absoluta de sensibilidade que prepara os atores sublimes” (Diderot, 1985, p. 363). Uma fala do *Paradoxo do Comediante* me chama bastante a atenção:

Vede as mulheres; elas nos ultrapassam certamente, e de muito longe, em sensibilidade; que diferença entre elas e nós nos instantes da paixão! Mas, assim como nos são superiores quando agem, do mesmo modo nos são inferiores quando imitam. A sensibilidade nunca se apresenta sem fraqueza de organização. A lágrima que escapa do homem verdadeiramente homem nos comove mais que todos os prantos de uma mulher (Diderot, 1985, p. 360-361, grifo meu).



FIGURA 4. Capa da Revista IstoÉ, abril de 2016.
 Fonte: <<http://www.ocafezinho.com/wp-content/uploads/2016/04/capa-istoe-dilma-maria-louca.jpg>>.
 Acesso: 14/07/2016.

Seria o discurso de Diderot, elaborado em 1769, tão distante assim do que acompanhamos nos dias atuais? Como os discursos de treinamento de atores e atrizes abordam a normatização do corpo feminino para a cena? Diferiria do corpo masculino? A que ideais da feminilidade ainda estão relacionados?

Essas questões são abordadas por Maria Brígida de Miranda (2003) que tangencia, a partir de Michel Foucault, a questão do controle dos corpos por meio de técnicas disciplinares imple-

mentadas nas técnicas de treinamento de atores do século XX. O corpo feminino apareceria como categoria específica nos discursos do encenador russo Constantin Stanislavski, o que não ocorre com o corpo masculino. Para a autora, isso poderia sugerir que “o modelo de corpo de Stanislavski ‘baseado nas leis da natureza’ é o corpo masculino. Como tal, o corpo das mulheres é sempre visto como desviante do corpo ideal” (Miranda, 2003, p. 21)⁴. Sobre os principais livros do mestre russo a autora comenta que

As descrições de Stanislavski sobre cada um dos alunos de Tortsov ilustra como “o” corpo feminino é percebido como um instrumento defeituoso [...] Suas suposições sobre o corpo feminino tornam os corpos das mulheres alvo de exercícios corretivos, a fim de corresponder ao modelo ideal baseado nas “leis da natureza” (Miranda, 2003, p. 20).⁵

O corpo feminino aparece como o espaço da correção para se atingir certo grau de excelência, e tal acepção não se restringe aos discursos teatrais. Até mesmo em certos “protestos” na política brasileira recente, podemos observar a punição corretiva para o corpo feminino que não corresponde às expectativas:

“ofenderia seu corpo” é visto como um pecado *dela*, e não do seu assassino. O sangue que é marcado em uma das suas representações representa o seu martírio, os locais onde o facão – o fálco facão – a sangrou.



FIGURA 6. Recorte de matéria sobre processo de beatificação da mártir Benigna. Fonte: <http://jovembenigna.blogspot.com.br/2013_02_01_archive.html>. Acesso: 27/12/2015.

A castidade como forma de coerção feminina; o estupro punitivo como forma de subjugação. Foucault (1987), em seu livro *Vigiar e Punir*, aponta a disciplina do monastério como um embrião para as formas de poder disciplinar que passaram a existir na era moderna. Entretanto, o discurso clerical ainda possui força em narrativas que normatizam o corpo feminino como as de Benigna. Os relatos de luta sangrenta entre virgens meninas e seus estupradores aparecem em pelo menos outras duas narrativas católicas: a da Beata Albertina Berkenbrock (Imaruí – SC) e Santa

Maria Goretti (Itália). As duas foram esfaqueadas em tentativas de estupro de agregados das suas famílias, em meios rurais, em 1902 e 1931, com 11 e 12 anos de idade, respectivamente.

Apesar das três histórias terem ocorrido no começo do século XX (Benigna foi morta em 1941), elas ainda hoje perduram como “heroínas da castidade”, levando a mensagem divina de que, para não pecar contra a castidade, a morte é preferível⁷. São parte das estratégias que culpabilizam as vítimas, que mulheres devem resistir não por sua própria vontade, mas porque a castidade feminina permanece como um valor em si.

Questiono que interesses estão envolvidos quando tantas jovens, assassinadas brutalmente como vítimas da violência sexual e de gênero são vistas e cultuadas como santas, sob o rótulo de “Heroínas da Castidade”. Quando as vítimas de estupro sobrevivem, são pecadoras e merecem repúdio? Lembro aqui aquela “menina errada” do estupro coletivo do Rio de Janeiro... Como visibilizar a violência à qual tantas outras meninas e mulheres foram e ainda são submetidas se elas não são *consideradas* “heroínas”, nem “castas”? Afinal, cultos e santuários não se erguem a todas que, cotidianamente, passam por seus próprios martírios em silêncio.

Chama a atenção a idade das meninas: 11,

12 e 13 anos. Segundo o levantamento feito pelo projeto brasileiro *Think Olga*⁸ em 2015, a idade média em que se iniciam os assédios sexuais das mulheres é de 9,7 anos. Podemos observar que, não apenas no começo do século XX, mas até os dias de hoje, muitas crianças sofrem assédio e adentram em uma vida sexual precocemente, sem ter entendimento ou controle do que acontece. A vulnerabilidade sexual do corpo feminino é um fator que, ao invés de impedir, parece estimular o assédio. Em meio a essa cultura, haveria espaço para desejo a uma mulher madura e vivida como Dilma? Pelo contrário, a mulher velha não desperta desejo; é associada a outro arquétipo oposto aos da santa ou menina: o da *bruxa*.



FIGURA 7. Valentina. Fonte: <<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/m-trends/primeiro-assedio-caso-valentina-do-masterchef-junior-abre-discussao-sobre-pedofilia-e-assedio-sexual>>. Acesso: 14/07/2016.

Enquanto isso, uma outra imagem de mulher ascende na mídia nacional:



FIGURA 8. Marcela Temer, Primeira-Dama. Fonte: Linhares, 2016 (<<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso: 08/06/2016.)

Cabe também questionar que interesses têm os políticos e a mídia deste país em destruir a imagem de uma mulher de luta, madura, ativa e de liderança para dar novamente lugar às mulheres-objetos “belas, recatadas e do lar”. Tais palavras de *ordem e progresso*⁹ feminino nesses tempos obscuros são, digamos, um tanto... temerárias.

“Mas vamos falar sobre moda e beleza?": Mitos antigos e contemporâneos

Numa alusão aos programas que tem por pauta a beleza feminina, trago a seguir três abordagens sobre a beleza das três personagens aqui destacadas. A primeira sobre Marcela Temer, atual

primeira-dama, em reportagem que apresentava seu perfil nos meados do processo de *impeachment* de Rousseff:

Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele) [...] Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly” (Linhares, 2016, p. 1).

O vestuário da primeira-dama interina chamou a atenção desde as suas primeiras aparições, sempre ao lado do marido. Segundo Linhares (2016), ela gosta de cores claras e vestidos na altura dos joelhos. Isso seria uma visível prova do seu recato.

Já os comentários sobre as vestimentas da presidenta eleita Dilma Rousseff não são dos mais agradáveis.



FIGURA 9. Reportagem de *O Dia* de 05 de janeiro de 2015, enfatizando o estilo das roupas de Marcela Temer, na cerimônia de posse em 2015. (<<http://www.odiacomestilo.com/noticias/moda/marcela-temer-usar-clutch-feita-por-kalina-rameiro-na-cerimonia-de-posse-de-dilma>>. Acesso em 30/06/2017).



FIGURA 10. Comentários sobre a roupa e o peso. Fonte: <<http://www.folhapolitica.org/2015/01/internautas-comentam-roupa-de-dilma-na.html>>. Acesso: 14/07/2016.

O comentário a seguir é sobre o comportamento de Benigna que, curiosamente, possui algumas relações com a imagem de Marcela Temer veiculada recentemente:

Modesta por natureza, tímida, reservada e meditativa, não usava vestidos sem mangas, curtos nem com decotes. Sua generosidade, carisma e simpatia a fazia querida e cativada por familiares, amigos e conhecidos,

tornando-se um modelo de juventude para época. (Cidrão, 2016, p. 1, grifos meus).

A construção imagética sobre a beleza e o recato como traços de feminilidade ainda predominam nas descrições tanto das meninas santas como da mulher (esta, necessariamente jovem). A comparação com objetos domésticos, como botijão de gás e cortinas, no caso de Dilma, revela uma relação com o papel que se esperaria de uma mulher: não a ocupação do Palácio do Planalto, mas sim “do lar”, do espaço privado e não do espaço público.

É curioso como Naomi Wolf¹⁰ (1992) analisa em sua obra o mito da beleza impregnado no imaginário da mulher moderna, que acaba por se constituir em uma forma de coerção semelhante àquelas que foram vencidas pelas Primeira e Segunda Ondas do feminismo do século XX. O mito da beleza se coloca no lugar que ocupavam “maternidade, domesticidade, castidade e passividade” (Wolf, 1992, p. 12). A beleza passou a ser uma obrigação feminina; os homens dotados de força possuíam as mulheres belas. Através da seleção do homem, as mulheres poderiam ser “eleitas” para a perpetuação da espécie.

O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens [...]

O mito da beleza na realidade sempre determina o

comportamento, não a aparência (WOLF, 1992, p. 12, grifos da autora).

A beleza como um valor cultuado, junto ao recato e o espaço privado. Vemos entrelaçarem-se mitos antigos e novos nestas três personagens. Benigna também tem uma biografia que se assemelha a uma lenda, quase um revisitar de antigas simbologias. Em uma releitura poética pessoal:

A menina órfã que foi buscar água num riacho e acabou morta a facadas. A água, fonte de vida, purificação, lava feridas e regenera, traz esperança. Lembro de minha avó, no sítio à beira de uma barragem, esperando a chuva chegar pra molhar a terra. Minha avó tinha também treze anos quando Benigna morreu... também habitou aquela mesma terra, buscando água um sem-número de vezes... Terra que ficava seca com tanta frequência. Fazer o barro, o jarro. Duro, firme, guarda a água. “O vaso da abundância, inesgotável, de onde o líquido corre como de uma fonte”... Mas o jarro despedaçou-se ao pé do riacho, o sangue da menina virgem jorra, fonte inesgotável de pureza. Menstruação? Tornar-se mulher. O jarro quebrou-se por inteiro no chão de pedra, a fállica faca transpassa os dedos, a testa, os rins, e a garganta, os olhos, a vontade, a beleza, a vida, o sentido, atravessa o mundo e atravessa a todas nós. Fállica faca. Todas nós¹¹.

Apesar da narrativa de Raimundo Cidrão tentar atenuar as palavras, o que Benigna sofreu foi uma tentativa de *estupro* que, segundo o agressor Raul Alves, não foi consumada. O Padre Cristiano Coêlho, pároco de Santana do Cariri e confessor de Benigna, logo atestou a veracidade dos fatos, pois ele era testemunha de que a menina

estava muito incomodada com as investidas do agressor, muito antes do crime acontecer. Mais uma menina que disse numerosos “nãos” que não tiveram relevância. Ainda hoje não têm.

São três homens discursando sobre uma menina morta por um crime de gênero disfarçado pelo discurso católico de martírio e defesa da castidade. Três homens – o Padre, o Assassino e o Historiador – tomando para si os discursos que poderia ter uma menina que fora silenciada pela truculência que ainda hoje perdura em nossa sociedade como *cultura do estupro*, que dissemina que se a mulher utilizar certas roupas, manifestar certos comportamentos e não reagir o *suficiente*, ela foi conivente e, portanto, *quis* ser estuprada. No caso de Benigna, o valor de sua virgindade intocada a santificou. No caso de tantas meninas, mulheres e senhoras estupradas e mortas todos os dias, nas quais o ato se consumou porque “não reagiram o suficiente”, que redenção poderão ter? Será que outras mulheres podem buscar conforto pela fé em tais figuras, e conformar-se a não denunciar a violência da qual possam ser vítimas? Poderia a força de Benigna, Maria Goretti e Albertina Berkenbrock prestar real auxílio a todas que estiverem na iminência de serem estupradas? A valorização dessa pureza divina, da virgindade, da castidade feminina por vezes reforça o ideal patriarcal num mundo onde os crimes de gênero merecem cada vez maior atenção. Lopes Rafael,

sobre o martírio de Benigna, atesta:

Foi com o coração voltado para Deus e a preocupação de não contrariar Jesus [...] que Benigna não teve medo de enfrentar os golpes do facão utilizado por Raul. Com a ação tresloucada do assassino, teve seu corpo virgem despedaçado. Foi para defender sua pureza que ela preferiu morrer traspasada pelos golpes que lhe atingiram a mão, a testa; o pescoço e as costas. *A sua castidade, no entanto, foi preservada, e pura ela se apresentou no céu* (LOPES RAFAEL, 2013, p. 1, grifo meu).

A purificação, para as mulheres, parece ser mais importante que as suas vidas. O ritual de purificação para as mulheres consideradas impuras em fins da Idade Média – as bruxas – era a fogueira da Santa Inquisição, onde elas eram queimadas vivas. Por um lado, uma tradição que remonta ao judaísmo arcaico de purificação pelas chamas, por outro a expressão de ódio ao corpo de uma mulher que se considerava livre e que se mantinham à margem do patriarcado católico dominante da Idade Média. Em maio de 2016, o jornal *O Estado de S. Paulo* publica em sua capa uma matéria com a imagem a seguir:



FIGURA 11. Capa do jornal O Estado de São Paulo de 04 de maio de 2016.

O título de outra matéria, *No Tribunal da Santa Mídia, Dilma queima como as bruxas no século das trevas* (CORRÊA, 2016, p. 1), aponta como Dilma representa a bruxa, a mulher livre e perigosa, incontrolável que merece ser contida; e por outro lado, a imagem apenas concretiza a situação da violência de gênero que tem sido pauta quase obrigatória na mídia contrária à presidenta. Como já dito anteriormente, representa o arquétipo da bruxa, uma mulher velha, independente e líder.

A violência sobre a sua imagem – seria a expressão de um desejo coletivo? – já fora trans-

posta para outras imagens que escancaram o repúdio a um corpo – e esse corpo é feminino – e possivelmente ao papel político que esse corpo tem desempenhado. Em 2011, o fotógrafo Wilton de Sousa Júnior, da Agência Estado, realizou uma macabra fotografia, utilizando-se do mesmo recurso de sobreposição de imagens estampado na foto anterior, onde Dilma aparece sob o fogo da tocha olímpica. Desta vez, Dilma é transpassada por uma espada de um militar. A imagem ganhou um prêmio internacional de fotografia jornalística.

Outra fotografia, alçada a “grande sacada fotojornalística”, é a que aparece na capa do jornal *Correio Braziliense*, de autoria de Daniel Ferreira, no dia 8 de setembro de 2014. Dilma aparece no Desfile de 7 de Setembro em Brasília, sob a mira de uma metralhadora de um canhão blindado. (Cf. MORETZSOHN, 2016).

São imagens que exprimem certa crueldade com o corpo de uma mulher que chegou a ser presidenta do Brasil e que foram, como lembra Sylvia Moretzsohn (2016), cuidadosamente escolhidas para estarem nas capas de jornais de grande circulação. Uma violência simbólica bastante frequente, como são os silenciamentos da história de Benigna, servindo à uma possível utilização de uma outra história, não contada, velada. O que pode o corpo feminino? Onde ele

se localiza? Onde o localizam?



FIGURA 12. Dilma transpassada por espada. Fonte: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/foto-de-dilma-transpassada-por-espada-vence-premio-internacional.html>>. Acesso: 31/03/2017.



FIGURA 13. Dilma sob a mira de tanque militar. Fonte: < <https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/152937/Por-que-o-Correio-apontou-a-metralhadora-para-Dilma.htm>>. Acesso: 31/03/2017.

A maneira pela qual as temáticas e imagens trazidas neste trabalho – mitos, arquétipos femininos, violência sexual, guerrilha, silenciamento, culto à beleza, patriarcalismo, pedofilia – pode não se dar de forma direta, mas a escolha das imagens para criação em pesquisa não dispensa a veiculação e transformação das imagens do cotidiano, pois elas encarnam em si mesmas os processos coercitivos que ainda podem existir. Seja em 1941 d.C. com Benigna ou em 2017 d.C. com Dilma e Marcela, há certas expectativas sobre a exposição do corpo feminino. A ocupação do espaço da cena em um trabalho solo de uma mulher pode se tornar campo de convergência de todas essas forças para, lembrando a imagem inicial deste trabalho, afirmar: sim, a mulher pode.

NOTAS

¹ Composição da autora, integrante da perfopalestra *Bruxas, Santas, Loucas, Velhas, Meninas, “Belas, Recatadas e do Lar”*.

² Em 31 de outubro de 2010, Dilma discursou: “Eu gostaria muito que os pais e as mães das meninas pudessem olhar hoje nos olhos delas e dizer: sim, a mulher pode”. (Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/31/em-1-discurso-como-presidente-eleita-dilma-diz-sim-a-mulher-pode.jhtm>>. Acesso: 14/07/2016).

³ O depoimento espontâneo de Dilma, à época, tornou-se notícia em diversos meios de comunicação no país e no exterior, por ser um dos raros depoimentos públicos de ex-prisioneiros e ex-prisioneiras políticas da América Latina sobre as torturas infligidas no período da ditadura militar brasileira.

Dilma ficou presa durante dois anos e dez meses entre 1970 e 1972 na Torre das Donzelas, subdivisão feminina do antigo presídio Tiradentes, no Rio de Janeiro. Ao lado de outras onze presas políticas, pôs essa nomenclatura no lugar: “a capacidade de ironizar a própria desgraça ajuda a manter a mente sã na cadeia, ensinam prisioneiros de todos os tempos” (Amaral, 2011, p. 71). O site do documentário Torre das Donzelas (em fase de pós-produção), a partir da pesquisa de Susel Oliveira, aponta que “as mulheres militantes encarnavam um papel duplamente transgressor: transgrediam enquanto agentes políticos ao se insurgirem contra a ditadura e também transgrediam ao romper com os padrões tradicionais de gênero. Ou seja, as mulheres não eram acusadas apenas de serem terroristas, mas de serem terroristas e mulheres, pois ocupavam um espaço público destinado aos homens. Dessa maneira, a figura da mãe ou da santa cedia lugar rapidamente à figura da bruxa e da prostituta. Desde o momento da prisão até o horror da sala de torturas, estavam nas mãos de agentes masculinos fiéis às performances de gênero, que utilizavam a diferença como uma forma a mais para atingir as mulheres” (O papel da mulher, 2013, p. 1)

⁴ “It is relevant that the female body appears in Stanislavsky’s commentary as a category, ‘women’. By contrast the lack of the male body as a category suggests that comments on the actor’s body, in general, refer to the male body as the norm and that Stanislavsky’s model body ‘based on laws of nature’

is a male body. As such, women’s bodies are seen as deviations from the ideal body”.

⁵ Stanislavsky’s descriptions of each of Tortsov’s students illustrate how ‘the’ female body is perceived as a defective instrument [...] His assumptions about the female body make women’s bodies the target of corrective exercises in order to match the ideal model based on the “laws of nature”.

⁶ “Errada era ela”, diz suspeito de estupro coletivo no Rio. In: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/ali-era-o-lugar-dos-trafficantes-diz-suspeito-de-estupro-coletivo-no-rio.html>>. Acesso: 08/06/2016.

⁷ Esse discurso aparece explícito nos sites da Revista Arautos do Evangelho, sobre a biografia de Maria Goretti (<<http://goo.gl/kDIyaz>>) e no site de Albertina Berkenbrock (<<http://www.beataalbertina.com/>>).

⁸ A campanha proposta pelo Think Olga mobilizou mais de 82 mil postagens em redes sociais conectadas pela hashtag #primeiroassédio onde mulheres relatavam os primeiros assédios sexuais sofridos por elas. O estopim foi o caso da menina Valentina, de 12 anos, participante de um reality show de culinária infantil na televisão. A sua aparição disparou inúmeras postagens de cunho sexual na internet, o que fez milhares de mulheres pelo país a relatar os assédios que sofreram na infância, como Valentina. <<http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>>. Acesso: 15/07/2016).

⁹ Slogan do governo interino de Michel Temer, que substituiu o primeiro slogan do governo federal, “Brasil: Pátria Educadora”, apresentado por Dilma Rousseff na ocasião de sua posse em 2015.

¹⁰ A estadunidense Naomi Wolf é uma reconhecida autora no contexto da Terceira Onda do feminismo.

¹¹ Num impressionante paralelo, o cineasta sueco Ingmar Bergman narrou em sua obra *A Fonte da Donzela* (Suécia, 1960) uma história semelhante: à época da Idade Média, Karin, de 15 anos, é incumbida pelo pai religioso a levar velas para a Virgem Maria. As velas só poderiam ser levadas por uma virgem, e Karin tinha orgulho de ser donzela. No meio da floresta, entre a casa e a igreja, Karin é estuprada e assassinada por dois pastores de cabras. Os pastores, ironicamente, encontram abrigo para uma noite gélida na casa dos pais de Karin, que ainda aguardavam o retorno da filha. Sem saber, os pastores tentam vender as vestes rasgadas e ensanguentadas de Karin para a sua própria mãe, que as reconhece. A vingança se aproxima. Ao final do filme, o corpo de Karin é encontrado e dele brota milagrosamente uma fonte de água límpida – a fonte da donzela – e seu pai resolve, como penitência a Deus por ter matado os pastores, construir ali uma igreja. As relações entre o defloramento e a morte, a virgindade e a água cristalina, a religiosidade e a culpa são parte essencial da obra. Sejam presas em torres ou defloradas e assassinadas em mananciais, as donzelas surgem como forte imagem arquetípica.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ricardo Batista. *A vida quer é coragem: a trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicio-*

nário de Símbolos. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CIDRÃO, Raimundo. *Biografia da jovem Benigna Cardoso da Silva: Heroína da Castidade*. Disponível em: <<http://jovembenigna.blogspot.com.br/p/biografia-da-jovem-benigna.html>>. Acesso: 08/06/2016.

CORREA, Renata. *No Tribunal da Santa Mídia, Dilma queima como as bruxas no século das trevas*. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/article/No-Tribunal-da-Santa-M%C3%ADdia-Dilma-1>>. Acesso: 08/06/2016.

DIDEROT, Denis. *Paradoxo sobre o Comediante*. In: *Textos Escolhidos: Diderot*. Coleção Os Pensadores. Tradução e notas de Marilena de Souza Chauí, J. Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

LINHARES, Juliana. *Marcela Temer: bela, recatada e do lar*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso: 08/06/2016.

LOPES RAFAEL, Armando. *O martírio da Serva de Deus, Benigna Cardoso da Silva*. Disponível em: <<http://jovembenigna.blogspot.com.br/2013/09/o-martirio-da-serva-de-deus-benigna.html>>. Acesso: 08/06/2016.

MIRANDA, Maria Brígida de. *Playful Training: Towards Capoeira in the Physical Training of Actors*. Tese. Austrália: La Trobe University, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. *Ponto de vista: A bruxa na fogueira do Estadão, uma imagem e seus símbolos*. In: *Objethos: Observatório da ética jornalística*. 06/05/2016. Disponível em: <<https://objethos.wordpress.com/2016/05/05/ponto-de-vista-a-bruxa-na-fogueira-do-estadao-uma-imagem-e-seus-simbolos/>>. Acesso: 31/03/2017.

O PAPEL DA MULHER na ditadura militar. In: Torre das Donzelas. Disponível em: <<http://www.torredasdonzelas.com.br/o-papel-da-mulher-na-ditadura-militar/>>. Acesso: 08/07/2016.

PARDELLA, Sergio; BERGAMASCO, Débora. Uma presidente fora de si. Disponível em: <http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/>. Acesso: 08/06/2016.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

* JUSSYANNE RODRIGUES EMIDIO é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teatro - PPGT/UDESC. na linha de pesquisa Linguagens Cênicas, Corpo e Subjetividades. Mestre em Teatro (PPGT/UDESC) e Bacharela em Arte e Mídia (UFCG). Atriz, bailarina e cantora.

Artigo submetido em: 31/03/2017
Aprovado em: 04/07/2017